

## O DIA QUE ME QUEIRAS (Amado Nervo)

Tradução de Victoria Lunardi Bauken. Revisão de tradução de Andrea Cristiane Kahmann e Daniel Soares Duarte. Prólogo de Daniel Soares Duarte.

Vivemos em tempos rasos. Parte de nossa pós-(insira sua categoria aqui) é essa capa de ceticismo e de cinismo que posa de corajoso mas nasce da desolação, ironia dilacerada, para usar uma expressão filha de Drummond. Como em um nevoeiro ou tempestade de areia, seguimos caminhando, sem saber se vamos adiante ou para os lados; mas continuamos. Nossa literatura não pesquisa (ou pouco pesquisa) nossa sensibilidade, e procura “ajudar” pouco. Nosso pé testou a temperatura da autoajuda, e estava gelada. Somos assim forçados a lembrar que existem linhagens inteiras de literatura de investigação metafísica, de base mística, ainda que para negá-la: todas as obras religiosas (base, aliás, da hermenêutica literária), Rabindranath Tagore, William Blake, Verlaine, ou mesmo Baudelaire e Bergson. Quando pensarmos em Amado Nervo, começemos por este viés: o da exploração positiva e mística da interioridade.

A poesia de Amado Nervo flerta recorrentemente com temas associados à religião; no entanto, seria mais adequado pensarmos em *religiosidade* ou *espiritualidade*. Isaac Goldberg (1983, p. 392) observa que seus versos têm “uma introspecção lírica que parece, por algum dom quadridimensional do pensamento, penetrar em vidas que normalmente mal sonhamos viver” [todas as traduções são minhas]. Amado Nervo poetiza a fé no homem de seu tempo e em sua época enquanto ausculta o arfar febril da vida moderna. Suas comparações não são feitas apenas de coisas belas, mas expressam beleza. Ou, seguindo com Goldberg (1983, p. 392), Nervo não apresenta a urna bonita e vazia de tantos parnasianos, mas “pode produzir urnas lindas e enchê-las de um vinho inebriante”.

Amado Nervo trabalhou intensamente em periódicos modernistas, tornando-se figura proeminente e encontrando eco profundo nos leitores (sobretudo nas leitoras) dos primórdios do século vinte. É escusado lembrar que o modernismo na América de língua espanhola segue linhas diferentes do brasileiro; seu diálogo mais duradouro foi com o simbolismo e o parnasianismo, com o realismo e o naturalismo, muito mais que com as vanguardas artísticas europeias. Não por acaso, o poeta passa do uso dos *topoi* simbolistas para as formas parnasianas. Amado Nervo foi profundamente individual nesse sentido: sem filiação a escolas, seguiu o caminho que considerava adequado ao aprofundamento poético do *eu*. Tal direção é bastante familiar aos leitores brasileiros de Drummond, por exemplo; no entanto, sem a aspereza do itabirano, mas pleno de exuberância, o poeta mexicano ainda não alcança plenamente o arco metafísico descrito por Friedrich (1978, p. 49-132) sobre a poesia moderna (*idealidade vazia, o Nada e a forma, dissonância ontológica*). Seu arco é de 1) ascensão à idealidade, 2) tentativa de apanhá-la via linguagem, 3) descenso frustrado cujo

produto é a poesia. Podemos pensar a ausência de “chão” na poesia de Amado Nervo justamente como índice dos paradigmas de uma época que, trazendo o exemplo de Ory (1917, p. 8), ainda chamava seus poetas de “príncipes”, cantores e cultores da beleza helênica, permitindo a textualização dos voos inocentes da alma sem o peso e a poeira, sem as exatas condições materiais do nascimento e da continuidade da linguagem poética.

Talvez por isso (ou também por isso) Amado Nervo se incluía no rol daqueles que o bom-gosto elitista do grupo em torno à revista *SUR* tratou de condenar ao descrédito, o que se fez por meio de críticas que, embora em língua espanhola, assemelham-se ao repúdio traçado pelos modernistas brasileiros aos parnasianos. Para marcar épocas e tornar a diferença presente mais relevante, ataca-se o tradicional como sendo obsoleto, desgastado, incapaz de responder às demandas do tempo. Ainda que fosse esse o caso dos parnasianos, convém desconfiar desse tipo de atribuição em um uso normativo. Em se tratando de poeta com tamanha popularidade como Amado Nervo, desconfie-se ainda mais. Crítica da época, selecionada de Jiménez (1919, p. 41), afirma que a poesia de Nervo sabe “infundir em seus versos, que se vestem de simplicidade e clareza como as horas de cristal que anunciam a paz nos dias amenos, um mistério delicado e comunicativo que nos põe em contato com o mundo harmonioso que cria sua vontade intensa” [a tradução é minha]. Pós-modernos que somos, criticamos a clareza e as horas de cristal e, irônicos, damos as costas ao mistério que permanece ignoto, indo buscá-lo em outras paragens. Ali ele está, no entanto, e às vezes o reconhecemos.

Os versos de “El día que me quieras”, que ora se apresentam em tradução, são um exemplo precioso da esperança, da inocência e da diafaneidade que despontam da poesia de Amado Nervo e que são somadas a uma sonoridade ainda simbolista. Feitos para a memória dos apaixonados, os versos do célebre poeta mexicano falecido em 1919, talvez evoquem entre nós o conhecido tango cuja letra é uma adaptação de Alfredo Le Pera musicada por Carlos Gardel (de 1934), ou a sua versão brasileira interpretada por Dalva de Oliveira. Entre versões, traduções e adaptações, o que na leitura árida quiçá não se apresente (a vivência dos sentimentos citados) a música depois trará à baila. Se o poema não se engrandece, convém lembrarmos o fundamental: que poesia é feita para cantar, e que o som e a música presentificam e vivificam as três direções do sentido: sensação, significado, sentimento.

## O dia que me queiras

O poema considerado como fonte para esta tradução foi *El día que me quieras*, disponível em: <[https://cvc.cervantes.es/el\\_rinconete/antiores/octubre\\_99/13101999\\_01.htm](https://cvc.cervantes.es/el_rinconete/antiores/octubre_99/13101999_01.htm)>. Acesso em 28 abr. 2018.

O dia que me queiras  
terá mais luz que junho;  
a noite que me queiras  
será de plenilúnio,

com notas de Beethoven  
vibrando em cada raio  
inefáveis pendores  
e haverá mais flores  
que em todo mês de maio.

Mil fontes cristalinas  
irão pelas ladeiras  
saltando cantarinas  
no dia em que me queiras.

O dia que me queiras,  
nos bosques escondidos,  
fará soar arpejos  
nunca jamais ouvidos.

Êxtases de teus olhos  
em todas as roseiras  
que existirão no mundo  
serão quando me queiras.

Tomadas pelas mãos  
quais loiras irmãs,  
usando golas cândidas,  
irão as margaridas  
por prados e ladeiras,  
abrindo-nos caminhos,  
no dia em que me queiras,

Se a uma desfolhares,  
dirá sua inocente  
cabal pétala branca:

Apaixonadamente!

Ao romper a aurora  
do dia em que me queiras,  
terão todos os trevos  
as folhas milagreiras  
e em todas as lagoas,  
ninho a germes ignotos  
florescerão as místicas  
corolas de um lótus.

No dia em que me queiras  
será cada paisagem  
ala maravilhosa;  
o entardecer, miragem  
das "Mil e uma Noites";  
cada brisa um cantar,  
cada árvore, lira,  
cada monte um altar.

No dia em que me queiras  
meus lábios serão teus,  
cabará num só beijo  
a imensidão de Deus.

**Referências (do prólogo):**

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

GOLDBERG, Isaac. Amado Nervo. In POUPARD, Denis. *Twentieth Century Criticism*. v. 11. Detroit: Gale Research, 1983. (pp. 393-394).

JIMÉNEZ, Guillermo. *Amado Nervo y la crítica literaria*. México: Andres Botas e Hijo, 1919.

ORY, Eduardo de. *Amado Nervo: estudio crítico*. Cádiz: España y América, 1917.